

Mais austeridade

Líder do IAPMEI contra a descida da TSU na banca e telecomunicações

Ministro da Economia, Álvaro Santos Pereira, ouviu Luís Filipe Costa pedir que a medida polémica fosse calibrada. Mas houve quem elogiasse a redução e enfatizasse os efeitos positivos que terá sobre o emprego

JOÃO CARLOS MALTA joaomalta@negocios.pt BRUNO SIMÃO Fotografia

O presidente do IAPMEI (Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação), Luís Filipe Costa, mostrou-se contra a baixa da Taxa Social Única (TSU) para as empresas de telecomunicações e banca, na conferência “Prémio Portugal PME”, organizada sexta-feira pelo **Negócios**.

Na plateia estava o ministro da Economia, Álvaro Santos Pereira, que mais tarde abriu o campo à possibilidade de o Governo estar disponível para falar com os parceiros sociais no sentido de “modelar” a descida da TSU. O mesmo já tinha sido feito pelo primeiro-ministro, Pedro Passos Coelho, na entrevista à RTP.

Luís Filipe Costa argumentou que a exclusão da banca e das telecomunicações se justifica, citando mesmo declarações atribuídas ao CEO da PT, Zeinal Bava, em que este terá referido que “não precisava da descida da TSU”.

“Preferia que a medida pudessem ter sido selectiva para as PME e para as transaccionáveis, caso as negociações com a troika tivessem permitido. Dispensava a baixa da TSU na banca, nas telecomunicações e em empresas desse género”, analisou o líder do IAPMEI.

Luís Filipe Costa defendeu ainda que com o modelo que está desenhado, “as pessoas de rendimentos mais baixos, e não só para os que ganham o salário mínimo de 485 euros, vão ter um aumento de descontos de 11% para 18%, que pode ser evitado ou muito mitigado”.

“Estamos a falar de pessoas que lutam pela sobrevivência, e quando tiramos 7% do rendimento dessas pessoas é algo que tem de ser acautelado”, sublinhou, esperando que seja possível alterar esta medida.

A seguir à AIP, a Bluepharma

A contestação geral à redução da TSU para as empresas, e proporcional aumento das contribuições para a Segurança Social dos trabalhadores, encheu o espaço mediático de críticas que foram dos patrões aos sindicatos. O consenso face ao impacto negativo desta medida só foi rompido pela AIP (Associação Industrial Portuguesa) que disse estar de acordo com a decisão do Governo.

Durante a conferência “Prémio Portugal PME” houve mais uma voz que se juntou às que defendem esta ideia. “Sou muito sensível à diminuição de rendimentos da população, mas sou muito mais sensível ao desemprego”, começou por dizer o presidente executivo (CEO) da farmacêutica Bluepharma, Paulo Barradas Rebelo.

“Esta medida é um estímulo ao emprego porque vai permitir fechar menos empresas, e vai permitir que as empresas que estejam mais sólidas empreguem mais gente”, acrescentou o líder da empresa que tem entre os principais accionistas uma capital de risco do Estado.

Por fim, Barradas Rebelo não tem dúvidas de que a descida da TSU para as empresas “é um impulso às empresas exportadoras. Estou de acordo enquanto empresa exportadora, que tem feito esse caminho”.

Medida de efeito zero

A opinião não foi unânime. O administrador da Sociedade Agrícola João Teodósio de Matos Barbosa & Filhos, João Barbosa, diz que esta discussão é irrelevante para a sua empresa.

“Não é relevante, estamos a falar de 7% que pagávamos aos salá-

[Baixa da TSU] vai permitir que as empresas que estejam mais sólidas empreguem mais gente.

PAULO BARRADAS REBELO

CEO da Bluepharma

rios, e que deixamos de fazer. É mais político do que prático”, frisou o empresário.

João Barbosa diz que a polémica em torno da medida anunciada pelo Governo é estéril. “Conversa há muita, quero que passem dos ‘entretantos’ aos ‘finalmentes’. Isto não vai mudar nada”, criticou, classificando toda a celeuma à volta desta polémica de “tretas”.

Para o empresário, o mais preocupante é a falta de um rumo político num País em que “quando muda um secretário de Estado, tudo muda”.

EMPRESÁRIOS, AUTARQUIAS E BANC



Banca | Francisco Silva, director da unidade de Empresas Sul da CGD.

Autarca | Ricardo Gonçalves, presidente da Câmara de Santarém.



IAPMEI | O presidente do Instituto, Luís Filipe Costa.



Associativismo | Salomé Rafael, presidente da Nersant (em cima).

Farmacêutica | Barradas Rebelo, CEO da Bluepharma (ao lado).



A DISCUTIRAM AS EXPORTAÇÕES



“Mesa redonda”
A conferência que decorreu no teatro Sá da Bandeira, em Santarém, contou com convidados de vários sectores.

A fechar | O ministro da Economia, Álvaro Santos Pereira, encerrou a iniciativa.



AS PALAVRAS DO MINISTRO

Fala-se muito em crescimento e emprego mas não ouvimos ainda nenhuma proposta alternativa [à TSU]. Gostaria muito de ouvir a oposição.

O que ouvi as confederações patronais dizer foi: esta é uma medida que poderá ser importante para ajudar a tesouraria das empresas, que poderá ser importante para alguns sectores.

ÁLVARO SANTOS PEREIRA
Ministro da Economia



Vinhos | João Barbosa, administrador da João Teodósio Matos Barbosa.

“Sem sairmos de Portugal, fecharíamos portas”

Farmacêutica Bluepharma fez da exportação tábua de salvação

JOÃO CARLOS MALTA
joaomalta@negocios.pt

O presidente executivo da Bluepharma, Paulo Barradas Rebelo, fez uma resenha histórica dos passos que a farmacêutica de Coimbra teve para ser hoje uma das maiores unidades do sector dos medicamentos em Portugal. Sem a saída do País, teria sido o “caos”. “Foi uma questão de sobrevivência. Se não tivéssemos saído de Portugal já não existiríamos, tínhamos fechado portas”, justificou o empresário durante o sessão “Prémio Portugal PME”.

O gestor salientou ainda que a aposta no laboratório de I&D foi absolutamente decisiva, “para alavancar o projecto”. Barradas Rebelo acrescentou ainda o segredo da empresa para ser competitiva nos factores de produção. “Assim, a nossa missão é ter a máxima qualidade ao menor preço possível”, sublinhou.

Para breve, segue-se o designado “terceiro passo de evolução da empresa”, a internacionalização. Começou este ano, com uma representação em Moçambique e deverá continuar nos próximos tempos de forma a efectivar a presença nos mercados externos da especialista em genéricos.

Contra as “quintas” e com “muito trabalho”

Já a produtora de vinhos João Teodósio Matos Barbosa&Filhos, através do administrador João Barbosa, quando questionado sobre o que pode facilitar as exportações das empresas portuguesas, disparou secamente: “Muito trabalho”.

Toda a gente quer ter a sua ‘quinta’. Toda a gente quer ter poder.

JOÃO BARBOSA
Sociedade Agrícola João Teodósio Matos Barbosa&Filhos

Num discurso muito crítico face à espuma da discussão partidária e política do dia-a-dia, foi assertivo face à multiplicação de associações sectoriais. “Toda a gente quer ter a sua quinta. Toda a gente quer ter poder”, enfatizou o empresário, dando como exemplo a promoção feita pelos vinhos nacionais, no Brasil, em que cada região demarcada faz as suas provas em dias diferentes, sem qualquer cooperação.

Pub